

A PALAVRA NOMINAL EM YAATHE (FULNI-Ô), LÍNGUA INDÍGENA BRASILEIRA

*Fábia Pereira da Silva¹
Januacele da Costa²*

1. INTRODUÇÃO

1.1 A língua e seus falantes

A língua Yaathe é falada pelo povo indígena Fulni-ô, que assim se autodenomina porque a região, ancestralmente habitada pelo povo que anteriormente era denominado Carnijó, está localizada no vale do Rio Ipanema, um afluente do Rio São Francisco. Fulni-ô significa, literalmente, “o que tem rio”. No meio da terra indígena, encontra-se a cidade de Águas Belas, sede do município do mesmo nome, situado na área de transição entre as regiões agreste e sertão de Pernambuco.

A população indígena Fulni-ô é de 4.687 indivíduos, de acordo com dados do Siasi/Sesai (2012). Atualmente os Fulni-ô estão distribuídos, basicamente, em duas aldeias³: a aldeia sede, localizada junto à cidade de Águas Belas, e a

¹ Doutora em Linguística, professora da UFAL, campus Sertão.

² Doutora em Linguística, professora aposentada da UFAL, campus Maceió.

³ Muitos índios Fulni-ô também moram na cidade de Águas Belas, em outras cidades e na zona rural do município.

comunidade Xixiakhla, localizada a poucos quilômetros da aldeia sede, no local denominado Supriano. Essas aldeias são os locais de residência principais, pois são onde os índios moram durante nove meses do ano, no período que vai de dezembro a agosto. Há uma terceira aldeia, o Ouricuri, que é a aldeia sagrada, a seis quilômetros da aldeia sede, na qual todos os índios passam um período de três meses, de setembro a novembro, em um retiro secreto, mantendo suas tradições culturais e religiosas.

Os povos indígenas que sobreviveram ao massacre, tanto étnico quanto físico, promovido por diferentes instituições e motivos – no caso dos Fulni-ô, principalmente pela exploração dos não índios que governavam e impunham suas vontades nessa região – perderam elementos importantes do seu equipamento cultural, o que os diferenciava das populações não índias vizinhas e entre si. Das perdas de marca de identidade, uma perda notável foi a extinção de línguas nativas. Atualmente, entre cerca de 29 etnias indígenas que vivem no Nordeste⁴ e que tiveram sua identidade étnica reconhecida e suas terras legitimadas até o final do século passado, só os Fulni-ô preservaram a língua herdada dos ancestrais, a que eles denominam Yaathe, que podemos traduzir literalmente como “nossa fala”.

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Yaathe está filiada remotamente ao tronco Macro-jê, sem relação direta atestada com nenhuma outra língua indígena brasileira conhecida. Niculin (2020, p. v), em uma tese que teve por objetivo fornecer uma reconstrução de aspectos da língua ancestral do tronco Macro-Jê, incluindo domínios tais como a fonologia, a morfossintaxe e o léxico, conclui que

(...) fazem parte do tronco Macro-Jê as famílias linguísticas Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí; a família Chiquitana estaria relacionada às famílias supracitadas em um nível mais profundo. **Contrariamente a ideias anteriores de alguns autores, excluimos as famílias Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí da proposta, mas não descartamos a possibilidade de uma relação genética distante entre o tronco Macro-Jê, por um lado, e as línguas Boróro, Karirí e Tupí, por outro lado (Grifo nosso).**

Atualmente, há uma alta porcentagem de falantes de Yaathe entre os Fulni-ô, mais de 90% da população total (COSTA, 1993). O uso da língua é muito difundido na comunidade. Nas famílias, de modo geral, os membros se comunicam em Yaathe. Por exemplo, dão ordens ou fazem perguntas aos filhos nessa língua, a despeito de estes, às vezes, responderem em português. Estudos

⁴ Fonte: RICARDO, B. & RICARDO, F. [Editores gerais]. Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

recentes (COSTA; SILVA, 2010) indicam que crianças muito pequenas dominam a gramática da língua, bem como outros aspectos particulares do seu uso, como, por exemplo, as diferenças de gênero social, que são um aspecto da gramática e do léxico. Assim, podemos afirmar que os Fulni-ô fazem uso sistemático de sua língua internamente e têm demonstrado um esforço muito grande para manter vivas a sua língua e a sua cultura, através de diferentes iniciativas.

1.2 Estudos sobre a língua: o estado da arte

Embora tenham sido elaborados, relativamente, muitos trabalhos sobre a língua, há ainda muito pouco registro do Yaathe, se considerarmos que esses trabalhos representam uma fração muito pequena de conhecimento, tanto da língua quanto do conhecimento ancestral dos seus falantes, do qual ela é veículo e receptáculo. Até a década de 1990, vários estudos de descrição e análise linguística foram elaborados. Entre eles, podemos citar Meland e Meland (1967), Meland (1968a-b), Lapenda (1968) e Barbosa (1991). Tanto Meland e Meland (1967) quanto Meland (1968b) são descrições da fonologia, elaboradas sob o modelo tagmêmico (PIKE, 1947). Lapenda (1968) descreve a estrutura da língua de um ponto de vista tradicional e Barbosa (1991) é uma descrição fonética e fonológica, também apoiada no modelo tagmêmico. De 1993 para cá, vários trabalhos foram efetuados sobre a língua: Costa (1993); Costa (1999); Silva (2011); Cabral (2009); Silva (2008); Melo (2010); Dias (2014); Sousa (2014).

O fato de a língua Yaathe constituir-se como uma língua viva, preservando todas as funções que se acredita que uma língua precisa cumprir em uma comunidade, é por si só merecedor de atenção, pois, como sabemos, na região Nordeste, a maioria das etnias indígenas – e, conseqüentemente, suas línguas – foi esmagada pelo processo colonizador, perdendo todo ou parte do seu equipamento cultural de identificação étnica, sendo a língua um fator muito importante dessa identificação. Por isso, uma das características mais notáveis da situação dos índios Fulni-ô é a sobrevivência da língua, uma vez que todas as outras línguas indígenas faladas nessa parte do país já são consideradas extintas (OLIVEIRA JR., M.; COSTA, J. F. e FULNI-Ô, F., 2014).

1.3 Objetivos do trabalho

Este capítulo é um excerto da tese de doutorado da primeira autora, intitulada *A palavra em Yaathe*, na qual se propôs, como objetivo central, a definição e delimitação da palavra na língua. Para alcançarmos o objetivo geral do trabalho,

a delimitação da palavra fonológica, uma outra unidade prosódica, hierarquicamente inferior à palavra fonológica e para a qual não havia estudos prévios em Yaathe, o pé métrico, precisou também ser estudado e, conseqüentemente, o sistema acentual da língua. Por outro lado, a análise dos dados levou o estudo para unidades prosódicas de nível mais alto do que a palavra, de modo que um esboço de descrição do sintagma fonológico, do sintagma entonacional e do enunciado fonológico também foi efetuado e apresentado. Neste capítulo, trazemos uma discussão do que seria uma palavra fonológica nominal em Yaathe.

2. APORTE TEÓRICO

Como já dissemos, definir palavra não é algo muito fácil, pois há várias maneiras para definir uma palavra e nem sempre há uma definição completamente satisfatória dessa unidade do ponto de vista prosódico ou fonológico. Alguns critérios, porém, que nos ajudam no desenvolvimento dessa tarefa, já foram delineados pelos estudiosos, embora, muitas vezes, alguns desses sejam critérios problemáticos, se considerados isoladamente. Autores como Aronoff & Fudeman (2007), Booij (2007) e Dixon e Aikhenvald (2010) e Haspelmath (2010) tratam de critérios que definem e delimitam uma palavra e também mostram os possíveis problemas enfrentados no empreendimento de tal tarefa, pois eles apontam que há muitos fatores que tornam difícil a definição e delimitação de palavra em uma língua, sendo um fator muito importante a falta de correspondência entre os significados lexicais e palavras, como bem observa Haspelmath (2010, p. 668):

While simplistic approaches such as Swadesh-list-based comparison make the simplifying assumption of a one-to-one correspondence between lexical meanings and words, and thus between words across languages, reality is more complex: words in one language are often in semantic many-to-many relationships with words in another language.

Isso pode ser apreciado em toda a sua complexidade quando coletamos dados elicitados do tipo listas de palavras. O conceito solicitado pode estar presente – e geralmente está – mas a forma correspondente frequentemente não pode ser fornecida porque não é uma palavra, ou o que convencionamos chamar de palavra⁵, ou o falante nos dá uma forma complexa que pode ser traduzida em uma sentença e, na maior parte do tempo, é uma sentença também em Yaathe.

⁵ Essa observação parece fornecer um argumento para defender a hipótese que palavra existe na consciência do falante, pois eles fazem hesitações quando o conceito solicitado em forma de palavra na língua de trabalho, no nosso caso o Português, não encontra correspondência com a palavra do Yaathe.

Nossa análise baseia-se principalmente na Fonologia Prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986), que é uma teoria de organização do enunciado em unidades fonológicas organizadas hierarquicamente e concebe a língua como sendo representada por um sistema em que cada constituinte da hierarquia atua como contexto de aplicação de regras e de processos fonológicos específicos. As considerações teóricas são aplicadas na análise dos dados, embora não estejam aí explicitadas.

No que diz respeito às questões acentuais, apoiamo-nos em Liberman e Prince (1977) e em Liberman (1985).

Neste capítulo, especificamente, apresentamos parte da análise sobre a definição da palavra. Outras unidades que foram investigadas serviram de base e evidência para essa definição.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De uma perspectiva mais ampla, a metodologia utilizada é a tradicional da linguística descritiva que vem sendo aplicada às línguas indígenas brasileiras desde que o estudo científico dessas línguas foi iniciado pelas universidades.

Os dados primários, utilizados para análise e formulação de hipóteses, são oriundos do Banco de Dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) e foram coletados entre 2011 e 2013, na aldeia Fulni-ô, município de Águas Belas, Estado de Pernambuco, Brasil. Esse projeto foi financiado pelo CNPq, Edital MCT/CNPq N. 014/2010 – Universal, Processo nº 475763/2010-6 e teve seu prazo de vigência encerrado em 11/11/2013. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFAL), em 20/09/2011, Processo nº 012672/2011-70, tendo os participantes da pesquisa assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os documentos e dados aqui citados encontram-se arquivados na coordenação do Projeto e no banco de dados *The language Archive* em *IMDI Corpora, Donated Corpora*.⁶

O *corpus* é formado de três tipos principais de dados: 1) fala espontânea e semiespontânea, representada por diferentes gêneros – tais como narrativas, textos procedimentais, conversação em díades – e fala elicitada, através de listas de palavras; 2) escrita, também em diferentes gêneros, desde narrativas até materiais didáticos, incluindo poesias e outros exemplares escritos; 3) dados elicitados gravados no início dos anos 1990 e ao longo dos anos 2000, incluindo listas

⁶ <https://corpus1.mpi.nl/ds/asv/?4>.

de palavras, questionários gramaticais e narrativas orais; 4) eventos culturais, como músicas e danças típicas, gravados em áudio e vídeo.

Entre os dados que coletamos, incluem-se listas de palavras e frases, tendo como modelo as já clássicas listas Swadesh (Swadesh, 1955), LDQ (Comrie & Smith, 1977), e aquelas propostas por Healey (1975), em seu manual de trabalho de campo, e uma série de exemplares discursivos, entre os quais narrativas de experiência pessoal, mitos, narrativas procedimentais e conversas espontâneas. Considerando que informações visuais têm reconhecida importância para a compreensão de determinados fenômenos linguísticos, gravamos também em vídeo a maior parte das sessões de coleta de dados em campo. Dados não linguísticos – como vídeos de danças, fotografias – e produção do povo, como desenhos, literatura, material didático, entre outros, também foram coletados e armazenados.

Os dados de áudio e vídeo foram gravados e arquivados respeitando-se todas as medidas e indicações propostas pela *E-MELD School of Best Practice*,⁷ que vêm sendo adotadas em projetos de documentação de línguas indígenas internacionalmente, pelo *Open Archival Information System (OAIS)*,⁸ que é um modelo de referência, com padrão AS (14721:2003), adotado pelos bancos de dados linguísticos mais recentes, e anotados seguindo os preceitos do *Metadata Encoding and Transmission Standard (METS)*,⁹ também adotados por bancos de dados internacionais. Os dados de áudio foram gravados com microfones tipo headset DPA Headband 4066 e um gravador digital de flash Marantz PMD661. Os dados de vídeo foram gravados com uma filmadora Digital Sony Handycam HDR-PJ10, em full-HD e altíssima qualidade.

As transcrições e anotações das listas de palavras foram feitas no programa PRAAT¹⁰ (Boersma & Weenik, 2007), uma vez que este aplicativo nos permite uma segmentação precisa no nível dos sons e dá acesso a detalhes acústicos dos dados, o que não apenas facilita a transcrição, nos mais diferente níveis, mas também auxilia na realização de estudos acústicos os mais diversos. A anotação das listas de palavras no PRAAT apresenta cinco fiadas: i) palavra (palv); ii) segmento (segm); iii) fonológica (fonl); iv) ortográfica (ortg);

⁷ E-MELD School of Best Practice (<http://www.emeld.org/school/>).

⁸ Consultative Committee for Space Data Systems, Reference Model for an Open Archival Information System (OAIS), CCSDS 650.0-B-1 Blue Book January 2002 (Washington, DC: CCSDS Secretariat, 2002). Disponível online: <http://public.ccsds.org/publications/archive/650xObl.pdf>.

⁹ Library of Congress, “METS: Metadata Encoding & Transmission Standard” (2007), <http://www.loc.gov/standards/mets/>.

¹⁰ Aplicativo computacional usado para transcrição (www.praat.org).

e v) tradução (trad). Os textos foram anotados no ELAN,¹¹ alinhando-se os arquivos de áudio e vídeo. A anotação foi feita por meio de cinco fiadas: i) texto (tx); ii) palavra (wd); iii) morfema (mb); iv) glossa (gl); e v) tradução livre (ft). Os dois aplicativos possuem interface, o que significa que os dados de um podem ser importados pelo outro, permitindo uma ampla gama de utilização em análises e estudos diferentes, uma vez que as transcrições feitas tanto no PRAAT quanto no ELAN são compatíveis entre si.

A transcrição e tradução foram feitas com o auxílio dos professores de Yaathe, o que garantiu maior acurácia e proporcionará uma discussão acerca de um modelo adequado de grafia a ser adotado, com aprovação da comunidade. A anotação dos dados para disponibilização foi feita pelos pesquisadores do Projeto, envolvendo ainda estudantes de Iniciação Científica.¹²

Para outra parte dos dados linguísticos, que não foi transcrita, anotada e traduzida, respeitando-se, assim, a vontade dos falantes nativos da língua, uma vez que se trata de discursos e textos tradicionais pertencentes a áreas fechadas da cultura, como a religião, por exemplo, fizemos ainda o trabalho de anotação de metadados, obedecendo às exigências do banco, para que também pudessem ser arquivados em formato original. Será uma forma de preservar informações sobre essa parte da cultura para as futuras gerações, caso seja necessário, tendo em vista que a língua pode ser incluída entre as que correm risco de extinção, de acordo com relatório da Unesco 2010.¹³

Foram gravadas 4 listas de palavras, com dois informantes; 08 textos procedimentais com informantes de ambos os sexos e de idades variadas, tendo também como tema diferentes produções artesanais, já que artesanato, sobretudo em palha, é uma marca forte dos Fulni-ô; 06 textos narrativos; e 04 textos conversacionais.

O banco de dados do Projeto Documentação da Língua Indígena Brasileira Yaathe (Fulni-ô) está, a princípio, organizado seguindo o modelo de bancos de dados existentes, com algumas adequações necessárias, no sentido de se considerar e atender às características do grupo e da língua em questão. Os dados referentes a cada sessão foram organizados dentro de uma pasta, contendo documento de áudio, vídeo e anotação, bem como as informações sobre a sessão (Metadata).

¹¹ ELAN (EUDICO Linguistic Annotator) é uma ferramenta de anotação multimídia desenvolvida pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics.

¹² Pesquisadores: Profa. Dra. Januacele da Costa; Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr.; Profa. Ms. Fábria Fulni-ô. Iniciação Científica: Mariana Sila Sousa; Jéssica Gonçalves da Silva.

¹³ <http://www.unesco.org/languages-atlas/en/atlasmap.html>.

Feita a análise e levantadas hipóteses que não puderam ser testadas nos dados disponíveis, empreendemos outras gravações de dados, dessa vez através de elicitacões direcionadas para os fenômenos específicos.

4. A PALAVRA FONOLÓGICA

4.1 A palavra como unidade linguística

A palavra é uma unidade linguística usada de várias maneiras na fala cotidiana, em muitos e diversos tipos de discursos linguísticos. Nesse sentido, é importante fazer algumas distinções fundamentais, de acordo com o que propõem Dixon e Aikhenvald (2007): distinção entre um lexema e sua forma variada; entre uma palavra ortográfica e outros tipos de palavra; e entre uma unidade definida principalmente em termos de critérios gramaticais e uma unidade definida principalmente através de critérios fonológicos. Nem sempre as categorias gramaticais se comportam da mesma forma entre línguas, pois nem todas as línguas apresentam as mesmas categorias para expressar as mesmas funções.

A forma gramatical de uma palavra apresenta uma interface entre a morfologia e a sintaxe e entre a morfologia e a fonologia. Dado que a morfologia lida com a composição das palavras, a sintaxe lida com a combinação das palavras e a fonologia com o arranjo dos sons na composição da palavra, podemos definir palavras de três perspectivas diferentes, classificando-as como palavras morfológicas, sintáticas e fonológicas.

No domínio da Fonologia, alguns critérios, tais como o fato de a palavra fonológica ser tipicamente o domínio do acento, a não ocorrência de pausas dentro de uma palavra fonológica, a aplicação de regras fonotáticas, considerando os traços segmentais da língua, e a aplicação de regras fonológicas, são importantes evidências da sua existência.

Nesta seção, definimos a palavra fonológica em Yaathe, utilizando os critérios fonológicos mencionados anteriormente, os quais discutiremos a seguir.

4.1.1 CRITÉRIOS FONOLÓGICOS PARA A DEFINIÇÃO DA PALAVRA

Ao tentarmos conceituar e separar palavra gramatical e palavra fonológica e examinar as relações entre essas duas unidades, há uma confusão sobre o que exatamente é uma palavra. A palavra é primariamente uma unidade gramatical com algumas propriedades fonológicas ou é uma unidade fonológica com

algumas propriedades gramaticais ou é igualmente uma unidade gramatical e fonológica? Essas ideias variam. Uma coisa certamente podemos dizer: a palavra é o elemento central do sistema linguístico. Não é somente o objeto da lexicologia, como também é necessariamente importante na fonologia, para a análise da estrutura dos sons, e na sintaxe, para as delimitações do seu *status* nas mais complexas configurações.

Para delimitação de palavra em uma dada língua, Dixon e Aikhenvald (2007) sugerem alguns critérios que combinam elementos gramaticais e elementos fonológicos.

Não há um único critério para definir e delimitar a unidade palavra fonológica em todas as línguas. Cada língua organiza e seleciona elementos que irão caracterizar uma palavra fonológica. Há um conjunto de tipos de critérios que definem essa unidade, o que parece servir para todas as línguas até então descritas, dos quais cada língua particular utiliza alguns.

Conforme o modelo que adotamos (NESPOR e VOGEL, 1986), a palavra fonológica é uma unidade hierarquicamente maior que o pé. Do ponto de vista formal, em algumas línguas ela pode ser apenas uma sílaba. Algumas propriedades são selecionadas para podermos reconhecer e fazer essa delimitação. Tais propriedades são características de três áreas: traços segmentais; traços prosódicos e regras fonológicas.

Os traços segmentais dizem respeito à estrutura interna da sílaba e às propriedades do segmento e as suas realizações fonéticas em combinação com outros segmentos (fonotática), ao fenômeno da fronteira de palavra e à pausa. Os traços prosódicos referem-se ao acento (*stress*) e ou acento tonal e a outros traços prosódicos, tais como nasalização, retroflexão e harmonia vocálica. Em muitas línguas o acento é um critério indiscutível para delimitar a palavra fonológica, uma vez que essas línguas têm acento fixo. Algumas regras fonológicas são aplicadas no domínio da palavra fonológica, enquanto outras podem ser aplicadas além desse limite (sândi externo, por exemplo). É possível que ocorra uma interação entre esses tipos de traços porque muitas regras fonológicas operam considerando o acento da palavra, por exemplo. Isso significa que esses traços podem ocorrer em combinação no nível da palavra fonológica.

Discutimos a seguir três propriedades que nos ajudam a compreender e delimitar a unidade palavra fonológica na língua Yaathe. São elas a pausa, o acento e processos fonológicos.

Para delimitar a palavra fonológica em Yaathe, consideramos propriedades que podem ser utilizadas na compreensão e delimitação da unidade palavra

fonológica na língua, como a pausa e o acento, e observamos, também, quais os processos fonológicos que poderiam nos dar pistas desses limites. A princípio, assumimos a descrição da palavra gramatical de acordo com o que considera Costa (1999).

A pausa é um critério híbrido, uma vez que pode ser considerado tanto no nível da fonologia como no nível gramatical. De acordo com Nespor e Vogel (1986), no meio de uma palavra fonológica não ocorre pausa. No entanto, para delimitarmos uma palavra gramatical, um dos critérios adotados é a possibilidade de haver pausa dentro de um contínuo, uma vez que uma palavra gramatical pode ocorrer separadamente, diferentemente de morfemas, por exemplo. Portanto, enquanto estamos tratando do domínio da palavra, não estabelecemos a duração da pausa a ser considerada, uma vez que estamos observando apenas se há possibilidade ou não de pausa.¹⁴

No que diz respeito à proeminência acentual, as línguas do mundo podem ser classificadas em dois tipos: i) línguas *pitch-accent* e ii) línguas *stress-accent*. Em línguas *pitch-accent*, o indicador primário da proeminência relativa é o *pitch*. Os correlatos fonéticos da proeminência relativa são de difícil estabelecimento em línguas *stress-accent*, pois diferentes propriedades fonéticas, como duração, *pitch* e intensidade, podem ser utilizadas nessa função.

Não nos preocupamos, por enquanto, em definir as propriedades fonéticas que assinalam a proeminência relativa em Yaathe, conforme já observamos. Consequentemente, também não nos preocupamos aqui em estabelecer se a língua é de um ou outro tipo. Seguindo Ewen e van der Hulst (2001, p. 196-197), utilizaremos o termo acento para caracterizar a propriedade abstrata de proeminência conforme esses autores indicam¹⁵.

No que se refere aos processos fonológicos, podemos dizer que o número de processos que operam na linguagem humana é finito, mas suficiente para criar uma grande variabilidade linguística. Em Yaathe, alguns processos geram um número grande de alofonias. Os processos que foram encontrados na língua Yaathe são processos de assimilação (desvozeamento, nasalização, palatalização,

¹⁴ Na tese, na seção em que tratamos da delimitação de unidades superiores à palavra fonológica, tanto para a delimitação do enunciado fonológico quanto para a delimitação do sintagma entonacional, consideramos as pausas silenciosas superiores a 150 ms.

¹⁵ O correlato fonético do acento poderia ser encontrado observando-se a frequência fundamental. Uma evidência para essa hipótese vem do fato que foram observados picos de F_0 , no domínio do enunciado fonológico, correspondentes às sílabas acentuadas, conforme podemos ver na seção 4.

labialização, harmonia vocálica), alongamento compensatório, debucalização, fusão, redução e elisão de vogais. Na seção 1 da tese, uma descrição desses processos foi fornecida, de acordo com Costa (1999).

Alguns processos fonológicos que consideramos evidência para a delimitação da palavra fonológica em Yaathe são apagamento de vogal, fusão de vogais, apagamento de consoante, silabificação e ressilabificação da consoante, desvozeamento de oclusiva, alongamento compensatório e nasalidade.

4.2 A palavra nominal fonológica em Yaathe

Nesta seção, de acordo com o que propomos para este artigo, definimos a palavra nominal fonológica. Antes, porém, precisamos tratar de uma classe de elementos que precedem algumas classes de nomes, e que podem ser definidos como clíticos, exercendo a função de índice de posse ou determinação. Esse elemento enquadra-se na categoria clítico, morfema dependente, conforme proposto por Câmara Jr. (1969).

4.2.1 Clíticos pronominais

No Quadro 1, apresentamos os clíticos do Yaathe e a seguir discutimos os critérios que justificam a sua categorização, uma vez que, em relação a uma série de critérios, eles se comportam de modo diferente tanto de palavra autônoma quanto de sílaba em uma palavra fonológica. Note-se que, aqui, o nosso quadro é ligeiramente diferente daquele apresentado por Costa (1999).

Quadro 1 – Clíticos pronominais

Singular	1ª pessoa	i
	2ª pessoa	a
	3ª pessoa	e
Plural	1ª pessoa	ya
	2ª pessoa	wa
	3ª pessoa	tha
Reflexivo/recíproco		sa
Determinante genérico		se

Um primeiro critério utilizado para a definição dessas formas como clíticos é o fato que elas não contam como elemento na formação do pé métrico e não sofrem processos fonológicos que operam entre sílabas de uma mesma palavra, conforme demonstrado em Silva (2016, Seção 2, p. 45 e ss.). Nessa seção, a autora

define o pé métrico em Yaathe, apontando para o fato que existe uma diferença na atribuição do acento entre palavras nominais e palavras verbais.

(...) o acento é predizível em termos de janela acentual. Entretanto, sabemos que fatores adicionais podem ser considerados na atribuição do acento. Nomes comportam-se diferentemente de verbos, por exemplo. Enquanto em nomes (e outras formas não verbais básicas) o acento é fixo e não olha a estrutura da sílaba, em verbos a sufixação pode alterar a posição do acento, de acordo com as propriedades do afixo e modificação na estrutura silábica (SILVA, 2016, p. 45).

As palavras nominais recebem acento em uma das duas últimas sílabas, formando-se um pé trocaico ou iâmbico. Nesse sentido, o acento é predizível, dado que há uma janela de duas sílabas do lado direito da palavra onde o acento deve ser colocado. Entretanto, propomos que a instrução sobre o tipo de pé a ser formado é lexical, ou seja, aprendida juntamente com a aquisição do léxico. Exemplo dos dois tipos de acentuação em palavras de duas sílabas são 1) e 2), a seguir. Em 1) o pé é trocaico, ao passo que em dois temos um pé iâmbico, sem que para isso seja observada a estrutura das sílabas.

- | | |
|--|------------------------------------|
| 1) a. ['ta.tʃ ^h a] <i>lenha</i> | 2) a. [to.'we] <i>fogo</i> |
| b. ['k ^h ɔ.tsa] <i>porta</i> | b. [sɛ.'tʃi] <i>pele de animal</i> |
| c. ['fe.he] <i>pé</i> | c. [sɛ:.'to] <i>pássaro</i> |

Para utilizar a atribuição do acento como um critério na definição de palavra fonológica, interessa-nos olhar as palavras de três sílabas ou mais e observar o acento secundário, conforme o algoritmo de acentuação proposto por Silva (2016, p. 49): (...) *com palavras de três sílabas ou mais, observe a posição do acento lexical, forme um troqueu (...) ou um iambo (...), conforme o acento primário recaia na penúltima ou na última sílaba, respectivamente. Atribua acento secundário alternativa e iterativamente da direita para a esquerda.*

Comparemos 3) a 4):

- | | |
|---------------------|---------------------------------|
| 3) [klɛ.tal.'kã.ne] | <i>cobra venenosa (espécie)</i> |
| 4) [sa# ,natsa'ka] | <i>seu próprio feijão</i> |

Em 3), temos uma palavra fonológica autônoma como um todo. Em 4), temos uma palavra, [natsa'ka] *feijão*, que pode ser enunciada autonomamente, sem o elemento [sa], que representa reflexivização da posse. Em ambos os enunciados, o acento principal é fixo. Na primeira, porém, o algoritmo de acentuação

se aplica e o acento secundário recai sobre a quarta sílaba a contar do lado direito da palavra. Na segunda, a aplicação do algoritmo de acentuação forma um pé degenerado, o que demonstra que a sílaba [sa] não interfere nas regras de atribuição do acento, permitindo considerar essa forma um clítico.

Um critério bastante sólido para a categorização dessas morfemas como clíticos, em oposição à palavra nominal gramatical, é o fato de que eles entram em alguns processos fonológicos, tais como fusão de vogais e alongamento compensatório, enquanto em fronteiras de nomes autônomos esses processos não se efetuam. Inversamente, processos fonológicos que ocorrem entre fronteiras de morfemas, dentro de uma palavra, não ocorrem em fronteiras com clíticos. Um processo fonológico que opera automaticamente em Yaathe e efetua-se dentro da palavra fonológica é assimilação do traço nasal por uma vogal a partir de uma consoante nasal na sílaba seguinte. A regra de operação desse processo é a seguinte:

$$V \rightarrow [+nasal] / _ _ \left[\begin{array}{l} +consonantal \\ +nasal \end{array} \right]$$

Em palavras com quatro sílabas, como no exemplo 1), a seguir, podemos ver a regra sendo aplicada.

$$1) /,una'kesa/ \quad \rightarrow \quad [,\tilde{u}na'kesa] \quad \textit{grupos de cafurna}$$

Entretanto a mesma regra não se aplica quando a sílaba que precede a consoante nasal é um clítico, conforme 2), a seguir.

$$2) /sa= natsaka/ \quad \rightarrow \quad [sa,natsa'ka] \quad \textit{meu próprio feijão}$$

O critério mais importante, porém, é que os clíticos são formas discursivamente dependentes, do ponto de vista discursivo, mesmo se podem ser autônomas do ponto de vista fonológico. Em Yaathe, quando associadas a uma raiz iniciada por consoante, clíticos possuem autonomia fonológica,¹⁶ conforme demonstramos pelo critério de acentuação e pelo critério de operação do processo fonológico, podendo constituir uma palavra fonológica por si mesmo. Contudo, essas formas não ocorrem jamais isoladas no discurso.

¹⁶ Quando a palavra começa por uma vogal, ao clítico é associada uma posposição com a qual ele forma uma palavra fonológica (Ver Silva (2016, seção 3.2.1)).

4.2.2 A palavra nominal fonológica em Yaathe

Na seção precedente, discutimos um tipo de palavra, os clíticos, que são formas dependentes, para que pudéssemos justificar a exclusão desse elemento como sendo parte da palavra nominal em Yaathe. Argumentaremos aqui em favor de se considerar que a palavra nominal, do ponto de vista gramatical, é constituída por uma base lexical e um ou mais sufixos.

No quadro a seguir, apresentamos o esquema de constituição dessa palavra.

Quadro 2 - Palavra nominal gramatical

Palavra Nominal Gramatical				
(clítico)	raiz verbal	(agente) (paciente) (locativo)	(tema)	(gen) (dim) (exc)
	raiz nominal	(privação)		

Uma palavra nominal gramatical pode ser constituída por uma base lexical, que pode ser uma raiz verbal ou nominal. A essa base, associam-se sufixos derivativos.

A uma base verbal associa-se um sufixo derivacional (agente, paciente, locativo), conforme exemplos 3a) e 3b); e os exemplos 4a) e 4b).

3a) [ta ,kejni'ka]

/ta= kejni -ka/

3SGS= ensinar -IND

Ele ensina.

3b) [,sekej'niho]

/se= kejni -ho/

DET.GEN= ensinar -AG

O que ensina.

4a) [ta ,fej'tõ:kia]

/ta= fejtone -ka/

3SGS= trabalhar -IND

Ele trabalha.

4b) [,fej'tõ:ho]

/fejtone -ho/

trabalhar -AG

Trabalhador (o que trabalha)

A uma base nominal associa-se um sufixo derivacional de privação (negação do que é expresso pela raiz), como ilustram os exemplos 5) e os exemplos 6a) e 6b).

5. [e:dʒa'dʷa]
 /e= edʒa -doa]
 3SGS= erro -PRIV
Deus (Aquele que não erra)
- 6a) [e 'tʃedʷa]
 /e= tʃe -doa/
 3SGS= pai -PRIV
 Órfão (aquele que não tem pai)
- 6b) [e 'tʃe'dʷãne]
 /e= tʃe -doa -ne/
 3SGS= pai -PRIV -FEM
 Órfã (aquela que não tem pai)

Os afixos flexionais que uma base ou um tema nominal podem receber são os morfemas de gênero, diminutivo e exclusividade, conforme esquematizado no Quadro 2.

A seguir, utilizando os critérios fonológicos acentuação e/ou operação de processos fonológicos, demonstramos o pertencimento desses elementos à palavra nominal fonológica e, conseqüentemente, propomos a delimitação da unidade.

4.2.2.1 Sufixos derivacionais

O sufixo /-ho/, quando associado a uma raiz verbal da classe de verbos ativos, deriva um tema nominal, ou um nome, cujo significado é “o que faz X”, onde X representa o significado de qualquer raiz da classe em questão. Vejamos os exemplos a seguir.¹⁷

- 7a) [ta ,kejni'ka]
 /ta= kejni -ka/
 3SGS= ensinar -IND
Ele ensina.
- 7b) [,sekej'niho]
 /se= kejni -ho/
 DET.GEN= ensinar -AG
O que ensina.
- 8a) [ta ,fej'tõ:kia]
 /ta= fejtone -ka/
 3SGS= trabalhar -IND
Ele trabalha.
- 8b) [,fej'tõ:ho]
 /fejtone -ho/
 trabalhar -AG
Trabalhador (o que trabalha)

¹⁷ Na transcrição fonológica, indicamos o acento em sufixos inerentemente acentuados apenas na transcrição fonética, não o fazendo na transcrição fonológica ou nas glossas.

O sufixo /-ho/ tem um papel na atribuição do acento, embora não seja um sufixo acentuado lexicalmente, pois nunca recebe acento quando é o último elemento da palavra ou quando o sufixo que o segue é lexicalmente acentuado.¹⁸ Observe-se que em ambos os exemplos o acento principal recai sobre a raiz verbal que serve de base para a derivação.

Na sequência, damos as formas de feminino correspondentes aos dois nomes citados.

- | | |
|---|--|
| <p>9) [,sekej'ni:so]
 /se= kejni -ho -so/
 DET.GEN ensinar -AG -FE
 <i>A que ensina.</i></p> | <p>10) [,fej'tõ'hoso]
 /fejtone -ho -so/
 trabalhar -AG -FEM
 <i>(a) trabalhadora</i></p> |
|---|--|

Em ambos os casos, uma sílaba é apagada. No primeiro exemplo, o sufixo de formação de nome de agente, constituído de /-hV/, sofre apagamento e causa alongamento compensatório da vogal da sílaba precedente. No segundo caso, a sílaba apagada é a mesma que se apaga também na forma verbal. A última sílaba da raiz /sekej'ni/ é acentuada, enquanto que a última sílaba de /fej'tone/ não é, motivo pelo qual ela é apagada na forma verbal antes do morfema de indicativo /-'ka/, conforme já demonstramos.

Enquanto o apagamento do morfema /-ho/ em [,sekej'ni:so] mantém o acento na raiz, o apagamento de /-ne/ em [,fej'tõ'hoso] não permite que a sílaba /ho/ seja apagada. Por isso, ela recebe acento.

Evidência de que esse morfema se encontra dentro da palavra fonológica é seu papel na atribuição de acento, conforme vimos anteriormente. Uma outra evidência é o processo fonológico que apaga a fricativa aspirada e associa o tempo da vogal com a vogal precedente, criando alongamentos compensatórios. Esse processo opera apenas no domínio da palavra fonológica, como mostram os exemplos anteriores, em que /-ho/ é mantido quando se encontra em final da palavra, mas pode ser apagado se outro morfema for associado ao nome.

Também mostra que essa regra é de domínio da palavra fonológica o fato que, quando o apagamento da fricativa ocorre em final de palavra, o efeito do seu apagamento é a transformação da vogal em glide e sua reassociação com a *coda* da sílaba precedente, como mostra o exemplo 11), a seguir.

¹⁸ A distinção entre elementos acentuados e elementos não acentuados lexicalmente encontra-se em Silva (2016, seção 2, p. 45 e ss.).

- 11) [ˈfej ˈke]
/fehe ke/
pé LOC.POSP
No pé.

Em seguida, damos um exemplo em que o sufixo de agente é seguido pelo sufixo de privação, sobre o qual recai o acento principal da palavra.

- 12) [i ta ˌfnihoˈdʷa]
/i= tafni -ho -doa/
1SGS= mandar -AG -PRIV
Eu não sou o que manda.

O sufixo derivacional /-do'a/, quando associado a uma raiz ou a um tema nominal, deriva um nome, cujo significado é “privação de X”, onde X representa qualquer raiz da classe em questão, conforme ilustrado pelos exemplos 13), 14a-b) e 15).

- 13) [ˌeːdʒaˈdʷa]
/e= edʒa -doa/
3SGS= erro -PRIV
Deus (O sem erro.)

- 14a) [e ˈtʃedʷa]
/e= tʃe -doa/
3SGS= pai -PRIV
Órfão (O sem pai.)

- 14b) [e ˌtʃeˈdʷãne]
/e= tʃe -doa -ne/
3SGS= pai -PRIV -FEM
Órfã (A sem pai.)

- 15) [e foˈdʷãne]
/e= fo -doa -ne/
3SGS= marido -PRIV -FEM
Mulher solteira (A sem marido.)

O fato de esses morfemas possuírem um papel na atribuição do acento, como vimos até agora, mostra que eles são parte da palavra nominal fonológica. Desses morfemas, aqueles que podem associar-se ao morfema de gênero feminino /-ne/ também mostram que a regra de assimilação de nasalidade se aplica entre eles, o que é mais uma evidência para se postular que todos fazem parte da palavra fonológica a que se agregam. Outro processo fonológico, apagamento

de fricativa aspirada com alongamento compensatório, demonstra que /-ho/ é também um sufixo associado à palavra fonológica.

4.2.2.2. Sufixos flexionais

O morfema /-ne/ *gênero feminino*, que ocorre na maior parte das raízes nominais que se modificam para expressar o gênero, comporta-se como parte da palavra fonológica em relação ao acento. Assim, em uma palavra nominal que, lexicalmente, possui acento na última sílaba, o acento é aí mantido depois que o sufixo /-ne/ lhe é associado, conforme se observa quando comparamos 16a-b) e 17a-b).

<p>16a) [ja'li]</p> <p>/jali/</p> <p>camarada</p> <p><i>Camarada! (informal, masculino)</i></p>	<p>16b) [ja'lĩne]</p> <p>/jali -ne/</p> <p>camarada -FEM</p> <p><i>Camarada! (informal, feminino)</i></p>
<p>17a) [i 'fĩ]</p> <p>/i= fĩ/</p> <p>1SGPOS= irmão</p> <p><i>Meu irmão.</i></p>	<p>17b) [i 'fĩne]</p> <p>/i= fĩ-ne/</p> <p>1SGPOS= irmão -FEM</p> <p><i>Minha irmã.</i></p>

Se, porém, mais um sufixo monossilábico seguir o sufixo de gênero, o acento principal desloca-se para a primeira posição à direita disponível para a sua colocação no nível lexical, conforme podemos ver quando o sufixo /-wa/, diminutivo, é acrescentado às formas apresentadas em 16a-b), aqui repetidas como 18a) e 19a), respectivamente.

<p>18a) [ja'lĩne]</p> <p>/jali -ne/</p> <p>camarada -FEM</p> <p><i>Camarada! (informal, feminino)</i></p>	<p>18b) [jalĩ'nẽwa]</p> <p>/jali -ne -wa/</p> <p>camarada -FEM -DIM</p> <p><i>Fulaninha!</i></p>
---	--

19a) [i 'ʃĩne]

/i= ʃĩ-ne/

1SGPOS= irmão -FEM

Minha irmã.

19b) [i ʃĩ'nẽwa]

/i= ʃĩ -ne -wa/

1SGPOS= irmão -FEM -DIM

Minha irmãzinha.

Comparando 18a) a 18b) e 19a) a 19b), verificamos que o acento principal, após a afixação de /-wa/ recai sobre a sílaba /-ne/, mantendo-se na penúltima sílaba da palavra.

No conjunto de exemplos a seguir, 20a-b-c), podemos observar a movimentação do acento em direção ao lado direito da palavra, à medida que um desses sufixos flexionais são associados ao complexo nominal.

20) [ˈtilʃi]

/tilʃi/

bonito

Bonito

20b) [ˌtilʃine]

/tilʃi -ne/

bonito -FEM

Bonita

20c) [ˌtilʃi'nẽwa]

/tilʃi -ne -wa/

bonito -FEM -DIM

Bonitinha

Uma classe de nomes forma o feminino pela afixação de um morfema com a forma subjacente /-'sV/, onde V corresponde a uma vogal não especificada subjacentemente, que harmoniza com a última vogal da raiz. Quando comparamos os exemplos 21a) a 21b), vemos que o acento principal, que na palavra base recai sobre a última sílaba, ao ser acrescentado o sufixo de gênero feminino, passa a recair sobre esse sufixo, agora ocupando o lugar da última sílaba da palavra.

21a) [i 'ka]

/i= ka/

1SGPOS= filho

Meu filho

21b) [i ka'sa]

/i= ka -sa/

1SGPOS= filho -FEM

Minha filha

Os exemplos 22a) e 22b) também pode ser comparados. Eles mostram o morfema de gênero feminino provocando a mudança do acento da primeira sílaba da palavra base para a segunda sílaba da palavra criada pelo seu acréscimo.

- | | |
|--|--|
| 22a) ['sa:who]
/sa:w -ho
briga -AG
<i>Guerreiro</i> | 22b) [,sa:w'hosɔ]
/sa:w -ho -so
briga -AG -FEM
<i>Guerreira</i> |
|--|--|

Um terceiro sufixo de gênero sempre ocorre com a forma [ːk̃iã]¹⁹ – onde “ː” representa alongamento da vogal da sílaba precedente e “˜” representa nasalidade dessa vogal. Esse morfema se associa a algumas formas de nomes e, do mesmo modo que os demais morfemas de gênero, ele não recebe acento se ocorrer na última posição da palavra, mas modifica a posição do acento em palavras paroxítonas, conforme exemplos 23a-b).

- | | |
|---|--|
| 23a) [kla'i]
/klai/
<i>homem branco</i> | 23b) [,kla'ĩ:k̃iã]
/klai -neka/
homem branco – FEM
<i>mulher branca</i> |
|---|--|

O morfema de diminutivo /-wa/ é outro sufixo não acentuado lexicalmente²⁰. Ao agregar-se a um tema nominal, seja esse tema uma raiz primitiva ou derivada, ele pode tanto receber acento principal, quanto exercer influência sobre a atribuição do acento, como podemos ver na sequência de formação de palavras a seguir.

¹⁹ Costa (1999, p. 103) atribui a esse sufixo à forma de base /ne'ka/, mas não fornece argumentos linguísticos que justifiquem a sua decisão. Nos nossos dados, a forma encontrada foi sempre [ːk̃iã], com o acento recaindo sobre a sílaba longa precedente. Por isso, o consideramos um sufixo não acentuado lexicalmente. Consideramos que a forma fonológica é /neka/, embora não tenhamos encontrado evidências explícitas, do ponto de vista sincrônico, para sua recuperação. Entretanto, podemos apresentar algumas evidências encontradas em outros pontos da estrutura da língua, como o fato de a vogal nasal longa ser o resultado, em todos os casos em que ocorre, de um processo de alongamento compensatório causado pelo apagamento de /n/ em uma sílaba subsequente, ao mesmo tempo que a palatalização de /k/ também é o resultado de um processo de apagamento da vogal /e/ na sílaba precedente.

²⁰ Ver Silva (2016).

- | | |
|--|---|
| <p>24a) [i 'ka]
 /i= ka/
 1SGPOS= filho
 <i>Meu filho</i></p> | <p>24b) [i 'kawa]
 /i= ka -wa/
 1SGPOS= filho -DIM
 <i>Meu filhinho</i></p> |
| <p>24c) [i ,ka'wãna]
 /i= ka -wa -na/
 1SGPOS= filho - DIM-EXC
 <i>Só meu filhinho</i></p> | |

No exemplo 24a), o acento principal recai sobre a última sílaba da palavra e é aí mantido em 24b), em que é acrescido o morfema /-wa/. Essas duas formas respeitam a posição do acento das palavras no nível lexical, que, como vimos, recai sobre uma das duas últimas sílabas da palavra. Em 24c), porém, a manutenção do acento na posição original violaria essa regra e, por isso, o acento é deslocado uma sílaba à direita, recaindo sobre o morfema /-wa/, uma vez que o morfema seguinte é também lexicalmente não acentuado.

Nos casos examinados em 25a-c), observamos o seguinte: a) o acento de ['k^hɔf'kia] *palha* é alterado após a junção do sufixo /-wa/ *diminutivo*, passando para a sílaba imediatamente seguinte. Ao associar-se à palavra mais um sufixo /-na/ *exclusividade*, o acento não avança para esse sufixo, mas um processo fonológico apaga a vogal de /-wa/, associando o glide à sílaba precedente.

- | | |
|---|--|
| <p>25a) [ja 'k^hɔf'kia]
 /ja= k^hɔf'kia/
 1PLPOS= palha
 <i>Nossa palha.</i></p> | <p>25b) [ja ,k^hɔf'kiawa]
 /ja= k^hɔf'kia -wa/
 1PLPOS= palha -DIM
 <i>Nossa palhinha.</i></p> |
| <p>25c) [ja ,k^hɔf'kiawna]
 /ja= k^hɔf'kia -wa -na/
 1PLPOS= palha -DIM -EXC
 <i>Só nossa palhinha.</i></p> | |

Em 26a-b), temos uma palavra da Língua Portuguesa usada como empréstimo pela falante de Yaathe. Este é um exemplo interessante, onde podemos ver que a palavra em Português é [ta'peti] com acento na penúltima sílaba. Com a agregação do morfema diminutivo, o acento avança para a sílaba seguinte. A vogal [i] adquire qualidade de vogal plena porque passa a ser acentuada.

26a) [ta'peti]	26b) [,tape'tiwa]
<i>Tapete</i>	tapeti -wa
	tapete -DIM
	<i>Tapetinho</i>

O morfema de exclusividade /-na/, como podemos ver no exemplo 24a-c), que aqui repetimos como 27a-c) para demonstrar o fato descrito neste ponto, bem como no exemplo 28a-b) a seguir, ocupa a última posição na palavra.

27a) [i 'ka]	27b) [i 'kawa]
/i= ka/	/i= ka -wa/
1SGPOS= filho	1SGPOS= filho -DIM
<i>Meu filho</i>	<i>Meu filhinho</i>
27c) [i ,ka'wãna]	
/i= ka -wa -na/	
1SGPOS= filho - DIM-EXC	
<i>Só meu filhinho</i>	
28a) [wa'pela]	28b) [,wape'lãna]
livro	/wapela -na/
	livro -EXC
	<i>Só livro</i>

Esse morfema não recebe acento, dado que ele é um morfema não acentuado lexicalmente e por ocupar sempre a última posição na palavra. Como vimos, no entanto, ele tem um papel na atribuição do acento, causando o avanço do acento lexical para uma das posições permitidas no nível da palavra.

Além disso, como é um sufixo iniciado por consoante nasal, a vogal que o precede é nasalizada pela regra de assimilação de nasal, o que nos garante que ele pode ser interpretado como um sufixo, formado por uma única sílaba que se junta a uma outra sílaba para formar um pé de uma palavra fonológica.

Podemos, então, definir uma palavra nominal fonológica como um complexo de elementos, conforme mostramos no quadro a seguir.

Quadro 3 - Palavra fonológica nominal

Palavra Nominal Fonológica			
raiz verbal	(agente)	(tema)	(gen) (dim) (exc)
	(paciente) (locativo)		
raiz nominal	(privação)		

Em resumo, uma palavra nominal fonológica em Yaathe é formada pelos mesmos elementos que a constituem gramaticalmente, excetuando-se os clíticos pronominais. Ressaltamos que incluímos os clíticos na palavra gramatical porque palavras da classe que exigem um morfema de posse ou determinação são agramaticais na língua se enunciadas sem esse elemento. Ou seja, uma raiz dessa classe não se atualiza na fala sem o clítico.

5. CONCLUSÃO

Utilizamos neste trabalho, que teve como objetivo central definir e delimitar o que é uma palavra nominal fonológica em Yaathe, dois dos principais critérios sugeridos pela literatura da área.

O primeiro deles, a atribuição de acento, mostrou-se relativamente eficaz. Consideramos, porém, que existem muitos problemas com a sua utilização, dado que o sistema acentual de qualquer língua, sobretudo as pouco estudadas a esse respeito, como é o caso da língua Yaathe, é difícil de ser apreendido. Mesmo se na tese da qual este capítulo é oriunda buscamos descrever o acento na língua, o fizemos de um ponto de vista fonológico, sem identificarmos os seus correlatos acústicos. Isso, provavelmente, é um ponto problemático que precisa ser ainda explicitado. O critério operação de processos fonológicos através de fronteiras das unidades gramaticais (e não prosódicas) mostrou-se mais efetivo. Através dele, pudemos ver com mais clareza a integração dos elementos em um todo que podemos denominar palavra fonológica.

Definir palavra em qualquer língua não é uma tarefa simples, motivo pelo qual no nosso trabalho deixamos evidente que a proposta de definição e delimitação da palavra fonológica na língua é uma que pode e deve ser aperfeiçoada em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ARONOF, M. and FUDERMAN, K. *What is morphology?* Oxford: Blackwell, 2007.
- BARBOSA, E. A. *Aspectos fonológicos da língua Yatê*. (Dissertação de Mestrado). Brasília: UnB, 1991.
- BOERSMA, P. e D. WEENIK. *Praat*. www.praat.org, 2007.
- BOOIJ, G. *The grammar of words*. 2ª Edição. New York: Oxford University Press, 2007.
- CABRAL, D. F. *O acento lexical em Yaathe*. 110 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- COMRIE, B e N. SMITH. *Lingua Descriptive Studies: Questionnaire (= Lingua 42.1)*. Amsterdam: North-Holland. 72 pp, 1977.
- COSTA, J. F. *Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas*. Aspectos do contato Português-Ya:the. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.
- COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa do nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999.
- COSTA; SILVA, 2010).
- DIAS, C. S. *O comportamento do traço nasal em Yaathe, língua indígena brasileira*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2014.
- DIXON, R. M. W. e AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *Word. A Cross-Linguistic Typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- EWEN, C. J. e van der HULST, H. *The phonological structure of word*. An introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HASPELMATH, M. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. *Language*, Volume 86, Number 3, September 2010, pp. 663-687 (Article), disponível em http://scholar.google.com.br/scholar?q=haspelmath+comparative&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5, acesso em 03/11/2014, às 08:51.

HASPELMATH, MARTIN; MATTHEW S. DRYER; DAVID GIL; and BERNARD COMRIE (eds.). *The world atlas of language structures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HEALEY, A. (ed.) *Language learner's field guide*. Ukarumpa, EHD, Papua New Guinea: Summer Institute of Linguistics Printing Department, 1975.

LAPENDA, G. *Estrutura da língua Yatê, falada pelos índios Fulni-ôs em Pernambuco*. Recife: UFPE, Imprensa Universitária, 1968.

LIBERMAN, M. e PRINCE, A. S. *On stress and linguistic rhythm*. *Linguistic Inquiry* 8. 1977, p. 249-336.

LIBERMAN, M. *The intonational system of English*. (Dissertação de Mestrado). Massachusetts Instituto of Technology, 1985.

MELAND, D. e MELAND, D. *Word and morpheme list of the Fulni-ô Indian language*. Dallas, Texas: Summer Institute os Linguistics, 1968a.

MELAND, D. e MELAND D. Fulni-ô (Yathe) phonology statement. *Arquivo lingüístico n. 025*. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1967.

MELAND, D. Fulni-ô grammar. *Arquivo lingüístico n. 026*. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1968b.

MELO, J. A. *Gênero gramatical em Yaathe*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Maceió: UFAL/FALE, 2010.

NESPOR, M. E VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NICULIN, A. Proto-Macro-Jê: Um estudo reconstrutivo. (Tese). Universidade de Brasília: Brasília, 2020.

OLIVEIRA, M., COSTA, J. F. e FULNI-Ô, F. Ética em documentação de línguas. In: FRANCISCO, D. J. e SANTANA, L. *Problematizações éticas em pesquisa*. Maceió: Edufal, 2014, p. 103-124.

RODRIGUES, A. D. 1886. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

SILVA, F. *A sílaba em Yaathe*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SILVA, F. P. *Revisão da fonologia do Yaathe para uma proposta de uniformização da escrita na língua*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação). Maceió: UFAL, 2008.

SWADESH, M. Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics*, 21, 121-137, 1955.

UNESCO, in: <http://www.unesco.org/languages-atlas/en/atlasmap.html>.